

«Comei, este pão, que não é só pão; que é o meu corpo, o dom inteiro da minha vida entregue por vós». Mas sabemos como a disputa pelo pão pode torná-lo um referente anti-eucarístico. Instrumentalizado pelo egoísmo, o pão torna-se não o símbolo do amor mas da indiferença; não o que funda a prática da fraternidade, mas o signo da desigualdade e do descarte. O pão pode ter o perfume da paz ou estar na origem das devastadoras guerras. O pão pode ser aquilo que une ou a ferida que separa. A pergunta para nós cristãos é esta: qual é o papel da eucaristia na gestação de comunidades de esperança e na edificação de um mundo melhor? O Livro do Deuteronomio, que hoje escutamos, recorda que o horizonte da nossa humanidade não se esgota na pura materialidade. O humano em nós não se realiza na obstinada e exclusiva procura do ter, mas é convocado a mais: é convocado a escutar a universal vocação divina que o atravessa. Sem o reconhecimento dessa vocação divina, o homem não chega a humanizar-se. Fica aquém do seu destino e não compreende, de modo cabal, a dignidade do seu Ser. Se pensarmos bem, causa arrepios a altíssima dignidade que Deus concedeu ao Ser Humano. Isso mesmo nos recorda o texto do apóstolo Paulo: «Deus que disse, “Das trevas brilhará a luz” fez brilhar a luz em nossos corações para que se conheça em todo o seu esplendor a glória de Deus, que se reflecte no rosto de Cristo»: espelhar no rosto de cada ser humano o Seu próprio rosto. Do mesmo modo, quando o Evangelho de Marcos apresenta Jesus como o “Senhor do sábado” sublinha que Ele oferece uma visão inovadora sobre como se interpreta a vida e o pão, pois desloca-nos da dureza de coração à disponibilidade para procurar e salvar a vida frágil, ferida ou perdida. Jesus vem dizer-nos que é possível caminhar nessa direcção. De facto, se não sentirmos esse desafio a intervir para remover aquilo que atrofia a existência dos nossos semelhantes é porque estamos, mesmo sem nos darmos conta, espiritualmente atrofiados. Desde os inícios, a Eucaristia vem designada como «a fracção do pão», porque Jesus é claro conosco: a vida torna-se generativa e fecunda na medida em que arrisca ser vida repartida e partilhada. Só dessa maneira. A eucaristia oferece-nos o mapa e a viagem. O pão que se concentra apenas na sua autopreservação depressa endurece e ganha bolor. Só quem aceita a lição de Jesus descobre a própria existência como sementeira, transmissão de afecto, inscrição da esperança, nutrimento fraterno. Recordo o que disse, num campo de concentração, uma das grandes vozes místicas do século XX, Etty Hillesum: «Desejo ajudar Deus e tornar-me eu própria pão para inúmeras fomes». Celebrar a Eucaristia é assumir a responsabilidade de se fazer pão. Queridos irmãs e irmãos, para a Igreja em Portugal este Congresso não é apenas um enésimo encontro para falar de si mesma: é uma oportunidade para relançar o ela e a esperança; para readquirir uma juventude de alma capaz de renovar a sua proposta e seu estilo; para viver um sobressalto de futuro aprofundando o que pode significar hoje a Espiritualidade Eucarística. Há cinquenta e há cem anos atrás, exactamente aqui em Braga, a Igreja nacional viveu congressos eucarísticos procurando novas formas de presença cristã no mundo e novas linguagens para a evangelização. No ano em que celebramos 50 anos da democracia portuguesa, voltamos a celebrar o congresso eucarístico para repensar o contributo da Igreja na nossa sociedade em acelerada transformação e que experimenta desafios epocais tão grandes como, por exemplo, as alianças intergeracionais e interculturais a construir urgentemente no Portugal contemporâneo.

Uma aliança que garanta o pão do futuro para os jovens hoje cercados pela precariedade e o pão do amor para os mais velhos que não podem ser postos fora da equação social porque já não são produtivos. Uma aliança que assente na compreensão da diversidade cultural como um enriquecimento comunitário e não como uma barreira à colectiva maturação do bem-comum. Para a Igreja em Portugal, motivada pelo caminho sinodal, reforçada pela experiência da Jornada Mundial da Juventude, mobilizada pelas grandes linhas do magistério do Papa Francisco, abre-se aqui uma estação de renovação e de caminho. Há uma frescura, há um odor a Evangelho vivo, há uma imaginação do bem, que os nossos contemporâneos esperam da Igreja Portuguesa. São talvez três, nesta hora, os grandes chamamentos fundamentais.

1. Primeiro, a Igreja em Portugal é chamada a ser uma Igreja *Eucarística*. Isto é, uma Igreja que não se coloca a si mesma como prioridade, mas no centro coloca Cristo e retoma Dele as Palavras e os gestos, o modo de olhar cada pessoa e a visão global sobre a vida. Uma Igreja eucarística é o contrário de uma Igreja clericalista:

é uma Igreja configurada sinodalmente, que valoriza a participação de todos os baptizados, que reconhece o papel do ministério ordenado, que cuida dos seus pastores e os acarinha, que investe nos ministérios laicais, que promove uma cultura eclesial de co-responsabilidade, que lê com profecia o lugar da mulher na Igreja. A Igreja Eucarística é uma Igreja de “portas abertas”, que quer ser pão. Uma Igreja que vê clara a continuidade entre o santo fervor da liturgia e o santo dever da comunhão traduzida naquilo que São João Paulo II, neste santuário do Sameiro, descrevia como «a fantasia da caridade».

2. Em segundo lugar, a Igreja em Portugal é chamada a ser uma Igreja *Samaritana*. Uma Igreja que actualiza a linguagem da compaixão. Uma Igreja de proximidade, não indiferente nem esquivada, mas capaz de fazer suas, como exorta o prómio da *Gaudium et Spes*, «as alegrias e as esperanças, as tristezas e as angústias dos homens de hoje, sobretudo dos pobres e todos aqueles que sofrem». Uma Igreja especialista em humanidade que, como insiste o Papa Francisco, «não aponta o dedo, mas abre os braços». Uma Igreja enamorada pelo Evangelho e mobilizada pelo Seu anúncio. Recordo as palavras que não longe daqui escreveu o monge-poeta Daniel Faria: «crescevo para os que morrem sem nunca terem provado o pão/ Gritolhes: imaginai o que nunca tivestes nas mãos!». A Igreja samaritana é aquela que multiplica os tempos de escuta, capaz de ser artesã de encontros para lá da sua zona de conforto ou do seu perímetro habitual, capaz de diálogos e de abraços que testemunham a maternidade e a paternidade incondicionais de Deus.

3. Em terceiro lugar, a Igreja em Portugal é chamada a ser uma “Igreja mariana”, esta que é a Terra de Santa Maria, aquela em cuja história Maria foi uma presença matricial e contínua. Retomo aqui as palavras de um importante teólogo do nosso tempo: «Sem a Mariologia o cristianismo ameaça desumanizar-se inadvertidamente». Destacaria alguns traços da espiritualidade mariana que somos desafiados a redescobrir.

a) O primeiro deles é a *gentileza*. Na visita a Isabel, o evangelista Lucas afirma que Maria viaja apressadamente porque assume não a reivindicação do seu conforto, mas a urgência que o outro estava a viver. Uma vez chegada a casa de Isabel não toma a palavra em primeiro lugar. A gentileza é a expressão de um coração desarmado e manso. O mundo precisa de comunidades crentes, que sejam reservas de gentileza e de cuidado.

b) O segundo traço é a *contemplação*. A Igreja tem necessidade de fazer prevalecer, em vez de uma máquina funcionalista, a sua dimensão mística. A Igreja só interceptará a sede de espiritualidade do nosso tempo se também ela se colocar a caminho, peregrina das perguntas em vez de rotineira gestora de respostas. Talvez a Igreja precisa de re-aprender muitos deste peregrinar, como vivemos hoje, subindo ao Sameiro como Povo que canta a Deus as suas lágrimas e os seus sonhos. Não tenhamos medo dos reconhecimentos! É que para escutarmos até ao fundo a Palavra de Deus, precisamos talvez pensar que ainda não a escutamos. Para celebrar a Eucaristia como mistério, temos que sentir e alimentar mais em nós um grandioso espanto. A fé mais necessária ao presente é, sem dúvida, a dos contemplativos, a dos enamorados da busca de sentido, a dos que se deixam esculpir pelo silêncio e, desse modo, recomecem a aventura larga que o crer representa.

c) O último traço é a *beleza*. Como o pão é o alimento para o corpo, a beleza é o nutrimento da alma, sem o qual ela não persiste, nem ganha asas. Com Maria, a Igreja aprende a ser custódia e artífice da beleza. A começar pela beleza da Eucaristia, que tem de ser celebrada como uma “obra de arte” e vivida como a obra-prima que Jesus. Precisamos de uma nova mistagogia que inicie os cristãos na beleza de que são depositários.

Também, por causa da beleza, celebramos esta eucaristia de acção de graças no Encerramento deste 5º Congresso Eucarístico Nacional sob o olhar imenso, sob o olhar mais belo da Senhora do Sameiro. E as nossas derradeiras palavras são para ti, Senhora, comovidos e confiados no teu esplendor. Como transportaste Jesus no teu seio, transporta a Igreja nesta hora de relançamento e esperança. Como apertaste Jesus contra o teu peito, dá-nos o afago e o estímulo dessa ternura. Como iluminaste o teu Filho com o materno sorriso, ilumina-nos, Mãe, agora. E como reza o cântico popular deste teu povo, querida Senhora do Sameiro, olha por estes teus filhos aqui presentes, «Tu podes, porque és a mãe de Deus, e deves porque és a nossa mãe!». *José Tolentino Card. de Mendonça*

Atendimento do Pároco: Residência Paroquial - 4740-165 Belinho

Ter.: 16:30 às 18:00 hs / Sáb:10:00 às 12:00 hs

Telefone: 253 871 128 - Telemóvel: 966 310 616

*O Senhor é minha luz e salvação:
a quem temerei?*

*O Senhor é protetor da minha vida:
de quem hei de ter medo?*

9 de Junho de 2024

FORTE VIVA



BOLETIM INFORMATIVO DA PARÓQUIA DE S. PEDRO FINS - BELINHO

EMAIL: paroquiadebelinho@gmail.com FACEBOOK: Paróquia de Belinho

Ano - XVII

Nº 917

Ano Litúrgico B

CONTINUA >>>>>>>>

Palavra do Senhor

DOMINGO X do TEMPO COMUM



Mc 3, 20-35

Aquele tempo, Jesus chegou a casa com os seus discípulos. E de novo aconteceu tanta gente, que eles nem sequer podiam comer. Ao saberem disto, os parentes de Jesus puseram-se a caminho para O deter, pois diziam: «Está fora de Si». Os escribas que tinham descido de Jerusalém diziam: «Está possesso de Belzebu», e ainda: «É pelo chefe dos demónios que Ele expulsa os demónios». Mas Jesus chamou-os e começou a falar-lhes em parábolas: «Como pode Satanás expulsar Satanás? Se um reino estiver dividido contra si mesmo, tal reino não pode aguentar-se. E se uma casa estiver dividida contra si mesma, essa casa não pode durar. Portanto, se Satanás se levanta contra si mesmo e se divide, não pode subsistir: está perdido. Ninguém pode entrar em casa de um homem forte e roubar-lhe os bens, sem primeiro o amarrar: só então poderá saquear a casa. Em verdade vos digo: Tudo será perdoado aos filhos dos homens: os pecados e blasfémias que tiverem proferido; mas quem blasfemar contra o Espírito Santo nunca terá perdão: será réu de pecado para sempre». Referia-Se aos que diziam: «Está possesso dum espírito impuro». Entretanto, chegaram sua Mãe e seus irmãos, que, ficando fora, O mandaram chamar. A multidão estava sentada em volta d'Ele, quando Lhe disseram: «Tua Mãe e teus irmãos estão lá fora à tua procura». Mas Jesus respondeu-lhes: «Quem é minha Mãe e meus irmãos?» E, olhando para aqueles que estavam à sua volta, disse: «Eis minha Mãe e meus irmãos. Quem fizer a vontade de Deus esse é meu irmão, minha irmã e minha Mãe».

HOMILIA NO ENCERRAMENTO DO 5.º CONGRESSO EUCARÍSTICO NACIONAL

«Reconheceram-No ao partir do pão» (Lc 24,35). Este foi certamente o ponto focal do 5º Congresso Eucarístico Nacional, que nos propõe o sacramento eucarístico como possibilidade de reconhecer o Ressuscitado no meio de nós. Foi isso que aconteceu aos discípulos de Emaús, num momento em que se sentiam desorientados e sem ela, quase cedendo à tentação de partir em retirada. Conosco não poderá ser de outra maneira. A Igreja intercepta o seu futuro quando abre as portas a Cristo e se ancora com decisão no programa corajoso e real de revitalização da Eucaristia. Ontem como hoje a Igreja encontra o sentido da sua vocação e missão «ao partir do pão».

Pensemos no significado do pão. As coisas mais belas e infelizmente também as mais tristes acontecem em nome do pão. Falar do pão é falar da subsistência, das condições da vida, daquilo que é tido como indispensável à manutenção da vida. Um poeta escreveu que o pão repete a imagem do ventre da mãe, pois está associado à germinação, à plenitude e à vontade de viver. É verdade! O homem não pode viver sem pão. Essa é também a sua realidade. O próprio Jesus o deixou expresso nos relatos da multiplicação dos pães. A fome e as necessidades materiais do ser humano não lhe são indiferentes. Quando Jesus nos interpela questionando-nos sobre aquilo de que vivemos para lá do pão, não é para nos fazer fugir do realismo do pão, mas para que o encaremos como lugar que tem de ser investido de Espírito. O próprio Jesus há-de mostrar como se faz, quando no contexto da Última Ceia, pegar no pão e disser:

CONTINUA >>>>

Meditando a Palavra - «QUEM É MINHA MÃE E MEUS IRMÃOS?»

O tema deste 10.º Domingo do Tempo Comum gravita à volta da identidade de Jesus e da comunhão que Ele deseja estabelecer com aqueles que se colocam na disposição de O seguir: fica claro que Jesus não tem qualquer aliança com o Demónio e com o poder do mal e que quer definir-Se pela sua relação de obediência com Deus Pai, à qual convida todos aqueles que se querem sentir parte da sua família.

No **Evangelho**, Jesus demonstra que, na sua atividade de libertação do poder do mal, não pode estar a pactuar com o Demónio, mas vem para libertar os homens e as mulheres de todos os tempos. Também nisso está a fazer a vontade de Deus e convida todos a fazer comunidade centrada na sua pessoa e decidida a construir um mundo que se baseie neste desejo de fazer a vontade de Deus.

A **primeira leitura** traz-nos o diálogo de Deus com as figuras poéticas do primeiro homem e da primeira mulher, depois da queda. Este texto procura chamar-nos ao sentido da existência, deixando claro que todos somos chamados a não pactuar com o mal e a estar de sobreaviso diante das tentações do Maligno.

Na **segunda leitura**, São Paulo mostra como as tribulações que sofre não abrandam o seu ardor missionário, que se caracteriza pela grande confiança em Deus e na vida eterna que há de conceder; duas grandes atitudes qualificam o ministério de Paulo: a esperança de estar unido com Jesus na ressurreição tal como o está na tribulação terrena e o desejo íntimo de estar em comunhão com os cristãos a quem anuncia o Evangelho de Jesus Cristo.

- Celebração Batismal: 01/junho/2024 – Melissa Azevedo Cunha, filha de Bruno Filipe Caseiro Cunha e de Carla Daniela Cruz de Azevedo. Neta paterna de António André Cunha e de Maria Olívia Meira Caseiro. Neta materna de Arlindo Marques Azevedo e de Maria Celeste Sá Cruz Azevedo.

- Celebração Matrimonial: 01/junho/2024 – Renato Miguel de Sousa Rodrigues, de 31 anos de idade, filho de António dos Santos Rodrigues e de Maria Goreti Matos de Sousa Rodrigues, com residência habitual na freguesia de Darque, concelho de Vian do Castelo e **Andreia Filipa Santos Costa**, de 29 anos de idade, filha de Carlos Alberto Miranda da Costa e de Natália Maria Penteado dos Santos Costa, com residência habitual na freguesia de Belinho e Mar, concelho de Esposende.

-LANÇAMENTO DO LIVRO – Poeta MANUEL MERRELHO (Antologia), no próximo dia 16 de junho, às 16h00, no Centro Paroquial de Belinho. O Prof. Dr. Sérgio Guimarães, apresentará a Antologia do Poeta Manuel Merrelho. Participemos!

-Celebração de missas: 4, por Alfredo Miranda Lopes, msc., filho Luís.

-Sagrada Família: 35€ (Outeiro e Rua da Praia).

Datas e iniciativas do Conselho Pastoral Paroquial

08|Eucaristia com a Catequese (Festa da Esperança – 5º ano), às 19h30.

09|DOMINGO X DO TEMPO COMUM: Eucaristias às 8h00 e 10h00.

15| Eucaristia Vespertina, às 19h30.

16| DOMINGO XI DO TEMPO COMUM: Eucaristias às 8h00 e 10h00.

Intenções — 10 a 16 de Junho

Segunda 19:30 horas
Manuel Augusto Pereira de Almeida (Aniv.)
Maria Cândida Lima Abreu|Almas do Purgatório
Manuel Augusto Gomes Almeida e Almas do Purgatório
Aurora Martins e marido Cândido R. Coutinho
Intenções e familiares de Glória Cachada
e marido Eduardo|Maria Irene Conceição Pereira,
António G. Merrelho e filha Manuela

Terça 19:30 horas
Honra de S. Bento e Almas do Purgatório
Manuel Augusto Gomes Almeida e Almas do Purgatório
Aurora Martins e marido Cândido R. Coutinho
Eduardo Lima de Almeida e filho Manuel Lima de Almeida
Maria Augusta Matias de Sá Almeida
Baltazar da Silva Manso|Manuel Martins de Sá

Quarta 19:30 horas
Maria Emília da Cruz Morgado (Aniv.)
Manuel Augusto Gomes Almeida e Almas do Purgatório
António Dias da Cunha, sogros e cunhado Manuel
Aurora Martins e marido Cândido R. Coutinho
Intenções de Augusta Gonçalves Barros,
familiares e amigos em sufrágio dos familiares e amigos

Quinta 19:30 horas
Manuel Augusto Gomes Almeida e Almas do Purgatório
Rodrigo de Sá Albina|José Joaquim Neves do Cruzeiro
Aurora Martins e marido Cândido Ribeiro Coutinho
Manuel José Alves e Celeste da Silva Marques

Sexta 19:30 horas
Jacindra Gonçalves (Aniv.)
António Martins Torres|Jaqueline Maria Gomes Lima
Manuel Augusto Gomes Almeida e Almas do Purgatório
Maria de Lurdes Bedulho Abreu|António Martins Torres
Aurora Martins e marido Cândido Ribeiro Coutinho

Sábado 19:30 horas
Alfredo Pereira Fernandes Lima (Aniv.)
António Alfredo Gonçalves Marques
e Olinda de Jesus Gonçalves Pereira
Maria de Lurdes Gonçalves Cachada
e marido Manuel Enes da Cruz e familiares
Manuel Augusto Gomes Almeida e Almas do Purgatório
Aurora Martins e marido Cândido R. Coutinho
Maria Cândida Lima de Abreu e Jaqueline Maria Gomes Lima
José Pires da Cunha, esposa, noras e genros
Manuel Gomes Vaz Saleiro|Alberto Gonçalves Pereira,
esposa e filho| Intenções de Augusta Gonçalves Barros,
familiares e amigos em sufrágio dos familiares e amigos
António Dias da Cunha, sogros e cunhado Manuel

Domingo 08:00 horas Intenções dos Fiéis
Domingo 10:00 horas
Rosa Fernandes Torres (Aniv.)|Honra de S. Bento
e intenções do oferente|Maria da Glória dos Santos Neiva
Carlos Alberto Matos Cunha|Fernanda Gonçalves Marques
Manuel Augusto Gomes Almeida e Almas do Purgatório
Aurora Martins e marido Cândido R. Coutinho
Pe. Amorim, pais e avós|Maria Glória Moreira Marques
Intenções de Manuel Arezes e esposa|Maria Emília Cruz Alves
Honra de Nossa Senhora da Guia|Alfredo Miranda Lopes

Acólitos	Edite, Iara, Afonso, Dinis, Rafael, Rodrigo, Tomás, Tiago, Leticia e Dinis.	
Leitores	Sáb	Juventude Unida de Belinho
	Dom	Paulo e Guida José e Olívia
Grupo Limpeza	Cristina Miranda, Mena, Leonor e Gabriela Neta.	